

# O país sob o império do economês

## ■ O tripé da estabilização por enquanto só tem 2 pés

**O**economista Edward Amadeo cunhou uma frase-síntese do debate: "Vivemos o império da macroeconomia". Ou seja, sob o domínio das políticas de juros (monetária) e de câmbio (valor do real frente ao dólar americano), expondo a ausência de horizonte fiscal, que pudesse formar o tripé da política de estabilização e evitasse os efeitos colaterais causados pelas duas primeiras.

Aloísio Araújo, que é amigo do ganhador do Nobel de Economia deste ano, Robert Lucas, e como ele pertende aos quadros da Universidade de Chicago, concordou. A teoria do próprio Lucas mostra os efeitos dessas políticas na vida das empresas e das pessoas, dentro da visão da Teoria dos Jogos de que aqueles que não se antecipam à mudanças nessas políticas, pagam um preço alto. Araújo tem fascínio pelo tema, que é justificado por

ser também titular do Instituto de Matemática Pura e Aplicada.

Paulo Nogueira Batista Júnior fez coro a Araújo e Amadeo, cuja frase de efeito animou o debate e arrancou de José Márcio Camargo uma suave gargalhada. Nogueira Batista Júnior complementou enfatizando a necessidade de uma reforma fiscal profunda e de longo prazo, destacando que a reforma administrativa é apenas um paliativo face às dificuldades orçamentárias da União. Isso porque os juros elevados têm um impacto sobre a dívida mobiliária (em títulos) da União, estados e municípios, mais dramático que demissões de funcionários públicos.

Pelos cálculos de Amadeo só em juros pagaremos US\$ 25 bilhões este ano, o que prova que os custos que o governo pretende reduzir com a reforma administrativa são mínimos. "Em quatro anos de governo Fernando Henrique Cardoso serão US\$ 100 bilhões -em juros-. Isso corresponde a um quinto do

Produto Interno Bruto (PIB). Se fala em economia com a demissão de funcionários públicos, mas esquecem a dimensão do que estamos falando", criticou Amadeo.

O efeito restrito da reforma administrativa também foi focalizado por Camargo para quem "não há excesso de funcionários, mas serviços públicos mal administrados". Camargo chegou a falar mais alto ao enfatizar que "a nível municipal e estadual, os empregos são exatamente os políticos, cuja negociação será extremamente complicada. No final, a montanha vai parir um rato", apostou ele, com a concordância dos outros três.

Araújo retomou a discussão diante da confirmação de todos que estava muito pessimista o clima, dizendo que acredita que há saída para tudo. Mais otimistas, acenaram com a possibilidade de que governo se sensibilize com a luz vermelha acesa pelo chamado "Império da Macroeconomia".